

O Sujeito da Fenomenologia do Espírito de Hegel

The Subject from Hegels' Phenomenology of Spirit

Rafael de Melo Ferreira

Universidade de São Paulo - UNESP¹

RESUMO

Este artigo tem como proposta compreender o conceito de sujeito em Hegel a partir da sua primeira obra madura, a *Fenomenologia do Espírito* publicada em 1807. Neste sentido, dado o fato da complexidade de se pensar o sujeito a partir desta proposta, este presente artigo é dividido nos seguintes objetivos: (1) compreender, em linhas gerais, o conteúdo da *Fenomenologia* para que se possa, nela, compreender o sujeito; (2) entender o sujeito em Hegel a partir da perspectiva da *Fenomenologia*; (3) analisar o sujeito livre.

46

PALAVRAS-CHAVE

Hegel; Sujeito; Fenomenologia; Liberdade.

ABSTRACT

The purpose of this article is to understand Hegel's concept of the subject from his first mature work, the *Phenomenology of Spirit*, published in 1807. In this sense, given the complexity of thinking about the subject based on this proposal, this article is divided into the following objectives: (1) to understand, in general terms, the content of the *Phenomenology* so that the subject can be understood in it; (2) to understand, in fact, what is meant by the speculative subject in Hegel from the perspective of the *Phenomenology*. (3) analyze the free subject.

KEYWORDS

Hegel; Subject; Phenomenology; Freedom.

INTRODUÇÃO

¹ E-mail: melo.ferreira@unesp.br Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-7548-6098>

Este artigo se propõe a compreender o sujeito em Hegel a partir da Fenomenologia do Espírito, publicada em 1807. Entretanto, para poder expor o conceito de sujeito para o pensamento hegeliano é necessário compreendê-lo em sentido amplo.

De maneira geral, o conceito de sujeito percorre toda a história da filosofia, de tal modo que não é possível encerrá-lo a partir de uma definição unívoca. Neste sentido, fala-se do sujeito a partir de uma compreensão filosófica determinada.

Neste ínterim, de acordo com Abbagnano (2007) há dois sentidos gerais para o termo sujeito presentes na História da Filosofia: (1) no sentido daquele de quem se diz alguma coisa e; (2) enquanto consciência ou, ainda, o eu que é determinante do mundo exterior e de sua ação nele.

No primeiro caso, refere-se, acima de tudo, à tradição aristotélica que reverberou sua influência até a escolástica. Ao passo, o segundo tem sua história iniciada na Filosofia Moderna cartesiana ao compreender o sujeito em oposição ao objeto.

Nesse sentido, segundo Inwood (1997) Hegel abarca esses dois sentidos expostos acima. Portanto, o sujeito, além de ser aquilo de quem se diz algo é a consciência que se sabe, que se sente, que é capaz de compreender e se colocar no mundo.

É fundamental compreender que Hegel apresenta sua compreensão dialética do sujeito. Em termos hegelianos, é possível compreender a dialética como o desenvolvimento do sujeito na relação consigo, com o mundo e com os outros. Seu desenvolvimento é um processo de transformação onde cada momento e cada etapa são conservados e superados.

Em Hegel, não se fala da formação do sujeito desconsiderando suas relações com o mundo e com os outros. Fala-se do sujeito na medida em que se fala do mundo e da sociedade. Ele não está só no mundo, pois é na relação com a alteridade que se manifesta sua essência.

Em sua primeira grande obra – Fenomenologia do Espírito – publicada em 1807, Hegel expõe o desenvolvimento, concreto, efetivo e teleológico, do sujeito.

É concreto porque a origem etimológica deste substantivo se encontra no latim: com *crescere*. Em tradução literal significa “crescer junto”. A partir disso, compreende-se que a experiência que o sujeito faz de si é concreta porque o sujeito se forma em síntese com a alteridade.

É efetivo no sentido em que o sujeito se coloca. Ao longo de seu desenvolvimento, o sujeito se torna progressivamente autônomo. Percebe-se capaz de modificar sua realidade e o mundo que está à sua volta. Ser efetivo, nesse sentido, é exteriorizar sua vontade livre construindo seu mundo.

Por sua vez, é teleológico porque tem uma finalidade. No processo de sua formação, o sujeito se percebe como construtor de sua própria realidade. O mundo é ele, na medida em que é resultado de sua liberdade.

No pensamento hegeliano o conceito de consciência se mostra distinto do dos seus antecessores. Com a Revolução Científica e com Descartes, houve uma cisão entre o sujeito e o mundo. A dessacralização da natureza retirou dela tudo de

subjetivo, passando a ser conhecida unicamente pelo viés objetivo da razão. A Natureza tem uma ordem matemática e mecânica, independentemente do sujeito.

A fim explicar o conceito de sujeito em Hegel, o presente artigo contém dois momentos: (1) busca-se compreender o conteúdo da *FE* e fundamentar a principal referência deste artigo; (2) compreender o conceito de sujeito na *FE*.

1 FILOSOFIA DO ESPÍRITO: CONTEÚDO

Neste artigo optou-se por utilizar como obra base a *FE* porque nela contém conceitos fundamentais da filosofia hegeliana. Entre eles, a noção de sujeito. Sobre a *FE*

Hegel parece tê-la concebido como maneira de aceder à Lógica e, nesse sentido, como introdutória. Porém, ao mesmo tempo, ele descreveu a obra na página de rosto como a “primeira parte” de um “Sistema da Ciência”. Este incluiria a Lógica e aquilo que mais tarde foi desenvolvido como as filosofias da natureza e do espírito [...]. Quando ele deu a estas a sua forma final, certas coisas tratadas na *FE* foram retomadas na filosofia do espírito; e isso foi inevitável, visto que uma explicação do desenvolvimento do espírito não pode deixar de tratar das formas da consciência. (Taylor, 2014, p. 155)

48

De maneira geral, ela busca mostrar a experiência que cada consciência faz ao se relacionar com objetos, com outras consciências e consigo mesma. A experiência que a consciência realiza está fundamentada nas relações que ela vivencia.

Sua experiência é contínua e progressiva, pois está sempre se experienciando a partir do seu momento mais primitivo - imediato - para chegar ao mais elevado. É preciso notar que ela, pela sua continuidade, segue um caminho e assim como todo caminho, ela possui “etapas” no seu próprio experienciar.

A *FE* é uma obra que expõe o desenvolvimento da experiência da consciência. Todo o seu desenvolvimento tem como fim, o Saber Absoluto: o saber que é saber de si mesmo como totalidade. A *FE* pega no braço do leitor, que está no ponto mais baixo, para levá-lo ao cume do saber, auxiliando-o nos obstáculos presentes ao longo da jornada.

Neste viés, ela descreve o caminho da consciência do sujeito em sua formação. O ponto de partida é a consciência que vê no mundo material a única verdade. Definindo acerca do objetivo da *FE*, Hegel (2016, p.25) diz que “O começo da cultura e do esforço para emergir da imediatez da vida substancial deve consistir sempre em adquirir conhecimentos de princípios e pontos de vista universais”. Isto é, o sujeito, no desenvolver de si mesmo, parte daquela consciência particular centrada em si mesma para chegar àquela consciência universal.

Destarte, a *FE*, investiga como as coisas - os objetos - aparecem para a consciência. Em outras palavras, ela não se detém em descrever como as coisas são em si mesmas, mas como a consciência percebe. Portanto, a *FE* é a descrição da

experiência da consciência para si mesma. Ou seja, é a descrição, para a consciência, do seu próprio desenvolvimento.

Disso se conclui que a *FE* não é somente a descrição da consciência em sua experiência cognoscível do mundo, mas é a descrição da experiência que conhece a si mesma. Consequentemente, na *FE*

[...] o agir do espírito é só um compreender de si mesmo, e a meta de toda a ciência verdadeira é que o espírito se reconheça a si mesmo em tudo que há no céu e na terra. Para o espírito não existe nada que seja totalmente outro. (Hegel, 2011, p. 8).

No desenvolvimento da *FE*, a consciência se experimenta nas suas figuras – etapas-, que devem ser vistas abstratamente, isto é, como universais presentes na consciência de cada ser humano, independentemente de seus conteúdos empíricos. Pode-se dizer que essas figuras são estruturas presentes em cada consciência.

A descrição dessas “figuras precisava se desprender da variedade das formas empíricas que as diversas consciências vão assumindo, precisava se elevar ao nível da maior abstração, para se concentrar no que existe de comum (de “universal”) tanto ao percurso das consciências particulares, individuais, como a percurso da consciência do gênero humano. (Konder, 1991, p. 27).

Assim, toda consciência, em qualquer época e espaço, desenrola-se nessas formas universais. É este o motivo pelo qual a *FE* não descreve a experiência da consciência numa linearidade histórica. Ou seja, pessoas e povos fazem, essencialmente, o mesmo caminho, mas não do mesmo modo. Cada povo realiza seu próprio caminho de acordo com suas realidades. Cada povo é determinado pelas suas particularidades históricas e sociais contingentes.

Pode-se dizer que *FE* é a narrativa do Saber Absoluto que, em si mesmo, experienciou todo o processo do seu saber de si e agora está fazendo o seu caminho de volta nas figuras que aparecem para a consciência singular - no caso, o próprio leitor da *FE*. A descrição do itinerário da *FE*, a partir de suas figuras, só pode ser realizada pela consciência que realizou esse processo.

A configuração de cada etapa do progresso da consciência possui começo e fim. Contudo, o fim de uma figura é início, dialeticamente, de outra. De tal modo que:

O começo do novo espírito é o produto de uma ampla transformação de múltiplas formas de cultura, o prêmio de um itinerário muito completo, e também de um esforço e de uma fadiga multiformes. Esse começo é o todo, que retornou a si mesmo de sua secessão [no tempo] e de sua extensão [no espaço] [...], Mas a efetividade desse todo simples consiste em que aquelas figuras, que se tornaram momentos, de novo se desenvolvem e dão nova figuração; mas no novo elemento, e no sentido que resultou do processo. (Hegel, 2016, p. 29).

A *FE* inicia sua viagem partindo da visão dicotômica entre o sujeito e objeto, herdada desde a Revolução Científica, até chegar na unificação entre sujeito e objeto no conhecimento do Absoluto. A *FE* tem, nesse desenvolvimento, seu início e sua chegada. De maneira geral, elas aparecem na *FE* como:

(1) Certeza sensível, que segundo Hegel é a mais pobre, pois se limita, única e exclusivamente, ao algo, à coisa – *Ding* – presente aos sentidos. Nessa certeza a consciência se depara com aquilo que vê, cheira, toca, ouve e sente. É o conhecimento mais abstrato e, na verdade, os que dizem que este conhecimento é o mais rico acabam dizendo o oposto do que querem dizer. (Hegel, 2016).

Dizendo de modo mais claro, se fosse pedido à certeza sensível que descrevesse o objeto, que está diante dela, utilizaria palavras gerais – universais –. Se fosse pedido para falar sobre o que conhece da árvore que está vendo teria que utilizar universais, por exemplo: esta árvore é verde. Ao afirmar a cor da árvore utilizaria o universal “verde”. É universal porque, além da árvore, outros objetos têm a cor verde. Assim, descrever o objeto que está imediatamente diante do sujeito, parece a maneira mais rica de falar de algo, afinal, ele está diante dos sentidos. Mas se mostra o inverso, não há como conhecer nada senão por meio de universais.

Assim, o conhecimento imediato da experiência, ao invés de ser o mais rico no conhecimento propriamente dito, é o mais pobre, pois ao falar de um objeto, não o descreve nas suas particularidades, mas só o descreve a partir de suas generalidades. Ou seja, não se está falando da coisa propriamente dita, mas do gênero da coisa. De fato:

[...] a certeza sensível aparece como a mais verdadeira, pois do objeto nada ainda deixou de lado, mas o tem em toda a sua plenitude, diante de si. Mas, de fato, essa certeza se faz passar por si mesma pela verdade mais abstrata e mais pobre. (Hegel, 2016, p. 83).

Hegel está fazendo uma crítica aos filósofos empiristas e materialistas, quando estes afirmam que o conhecimento verdadeiro só é possível por meio da experiência.

Assim, a crítica hegeliana se fundamenta no fato de que a experiência não fala do objeto em si, mas do objeto para si, isto é, de como a consciência o percebe. Diante disso, nas sensações que a consciência experiencia tem de haver algo de permanente, do contrário, toda experiência será algo novo e, portanto, nenhum conhecimento será possível. Nem mesmo será possível falar do objeto. No caso, o que permanece é o universal.

Por isso, qualquer conhecimento do objeto diante dos sentidos é descrito por meio de universais, pois diferentemente dos dados sensíveis, eles permanecem. Sem a existência deles o conhecimento está empobrecido. Em última instância, a consciência na experiência de um objeto não o conhece em suas particularidades senão pelos universais.

Contudo, a consciência, quando percebe que o conhecimento imediato - direto - da experiência é o mais pobre, buscará adentrar mais no seu conhecimento. Nesse caso, há a passagem dialética para a próxima figura da consciência: a percepção.

(2) A percepção não se limita somente ao algo, ao objeto à frente das sensações, mas começa a perceber as suas determinidades - qualidades -. Nessa figura, a consciência ao olhar o objeto, percebe que nele há a multiplicidade. Por exemplo: a árvore é uma unidade com suas qualidades diversas, de tal modo que ela é resultado da união de características diferentes e independentes como tamanho, cor, peso etc. Ela não é nenhuma delas separadas, mas a união de todas.

O resultado alcançado na figura anterior - certeza sensível - não é perdido nessa nova figura. Antes é conservado e se mantém. É suprasumido. E é a partir do que a consciência percebeu da certeza sensível que começa essa nova figura. A experiência que faz a consciência é o adentrar para além da oposição da consciência em seu estágio inicial, indo cada vez mais no essencial ao buscar o conhecimento mais verdadeiro

Neste sentido, a percepção ao se relacionar com o isto e o este vê neles o uno com múltiplas qualidades. Nela, o objeto material à frente contém inúmeros universais. A partir daí, surge na consciência a contradição: a unidade da unidade e da diferença. Alguém que vê uma árvore dirá: Ela tem folhas verdes, tronco marrom, é rígida, tem fissuras etc. O que une essas características diversas na árvore? Como o particular - está árvore - se relaciona com o universal?

Diante das qualidades diferentes entre si presentes no objeto, a consciência percebe que há algo além dessas qualidades, o uno e permanente, porém ainda não o encontrou. Hegel se refere ao como coisidade. De fato:

Pertence à percepção a riqueza do saber sensível, e não à certeza imediata, qual só estava presente como algo em-jogo-ao-lado [exemplo]. Com efeito, só a percepção tem a negação, a diferença, ou múltipla variedade em sua essência. Assim, o isto é oposto como não isto, ou como suprasumido; e portanto, não como nada, e sim um nada disto. (Hegel, 2016, p. 94).

(3) É nesse momento que aparece a próxima figura da consciência, a saber, o entendimento. Ela separa as qualidades da coisa a fim de encontrar nela a sua essência, ou a coisa - em - si em meio às mudanças. Isso já estava presente na figura anterior, sabia-se que no particular há algo de universal que permanece. O entendimento separa as qualidades para poder encontrar o que permanece, de fato. Ou seja, ele decompõe as coisas e as analisa. É, portanto, a atividade de separar que tenta ir além do sensível

Contudo, o entendimento fica na separação da multiplicidade e não consegue unificá-las na totalidade. Ele percebe que há um objeto e um ser que o conhece, uma vez que "o ser imediato do espírito - a consciência -tem dois momentos: o do saber e o da objetividade, em relação ao saber" (Hegel, 2016, p. 43). Isto é, o entendimento separa, mas não re-unifica. Nessa figura a consciência saber que há algo que unifica as multiplicidades, todavia não o encontrou no objeto. Buscará, agora, encontrá-lo em si mesma. Por isso, está posto o início da próxima figura: a certeza de si.

De modo geral, a consciência é saber da existência de um objeto e de si mesma. Não há consciência sem existência do objeto. Toda consciência é consciência de um objeto. “[...] consciência – saber das coisas objetivas em oposição a si mesma, e a si mesma em posição a elas” (Hegel, 2016, p. 37). A consciência ao se deparar com o objeto, que lhe é outro, toma a consciência de si, percebe que o universal que unifica as pluralidades do objeto é ela mesma: “A consciência-de-si é a reflexão a partir do ser do mundo sensível e do mundo da percepção e é, essencialmente, um retorno a partir do ser-outro.” (Hegel, 2016, p. 17). Desse processo, resulta a certeza de si.

(4) Na certeza de si o sujeito percebe que a realidade possui uma razão que precisa ser conhecida em sua essência. Ele percebeu que há unidade na multiplicidade, mas ainda não conseguiu superar essa contradição. Neste estágio a consciência especula que a unificação das inúmeras características em uma coisa só está em si mesma. Então, se voltará a procurar em si mesma a causa desta unidade. Antes, o que era totalmente outro para a consciência, agora é ela mesma. Ao perceber o objeto, a consciência percebe que está percebendo, percebe a si, portanto:

Nos modos precedentes da certeza, o verdadeiro é para a consciência algo outro que ela mesma. Mas o conceito desse verdadeiro desvanece na própria experiência [que a consciência faz] dele. O objeto se mostra, antes, não ser em verdade como era imediatamente em si: o essente da certeza sensível, a coisa concreta da percepção, a força do entendimento, pois este Em-si se revela uma maneira como o objeto é somente para um Outro [...] surgiu porém agora o que não emergia nas relações anteriores, a saber: uma certeza igual à sua verdade, já que a certeza é para si mesma seu objeto, e a consciência é para si mesma o verdadeiro. Sem dúvida, a consciência distingue, mas distingue algo tal que para ela é ao mesmo tempo um não diferente. (Hegel, 2016, p. 135).

52

Até então, as demais figuras da consciência se manifestaram como cisão entre o sujeito que conhece e o objeto conhecido. Ambos de lados opostos. Na consciência de si, que começa na certeza de si, há a noção do que somos e do que queremos alcançar. É o início da consciência de si, propriamente dita, uma vez que a reflexão do objeto incorre na reflexão de si mesmo. Ao perceber o objeto, o sujeito percebe que percebe. Nas figuras anteriores, a unidade entre o sujeito e o objeto já estava em-si. Mas somente agora começa a brotar dessa relação.

Nessa figura da consciência de si o sujeito quer algo e, mais do que isso, quer aniquilá-lo: quem está com fome busca aniquilar a alteridade da comida que está a sua frente. Tal aniquilação é desejo realizado. Na sua satisfação, a consciência de si faz do outro aquilo que deseja a si mesma. Aquele que tem fome ao comer suprassume a comida em si. O suprassumir dela é vital, pois nesse momento a consciência de si busca realizar-se a partir do seu outro “[...] consciência-de-si se apresenta aqui como um movimento no qual essa oposição é suprassumida e onde a igualdade consigo mesma vem-a-ser para ela.” (Hegel, 2016, p. 137).

Assim sendo, a certeza de si, que busca a unidade consigo mesma pela aniquilação, se dá conta de que precisa de algo a mais. Algo que permanece, pois a satisfação do objeto desejado coloca a consciência diante do nada, reafirmando a ausência da unidade, pois o desejo se reafirma, uma vez que na posse do objeto desejado, o desejo deixa de ser por esse objeto para se para outro. A satisfação do desejo tendo como alvo o objeto imóvel se mostra insuficiente para reafirmar a consciência de si.

A partir deste fato, a certeza de si, busca realizar a unidade não no objeto passageiro do desejo, mas em outra certeza de si, pois ela permanece nas mudanças, pois é móvel, isto é, espírito. Esse já é o conceito para a passagem dialética para a figura do Espírito. “A consciência-de-si só alcança sua satisfação e uma outra consciência-de-si” (Hegel, 2016, p. 141, grifo do autor).

Todavia, quando a consciência busca, e efetiva, a aniquilação do desejo não alcança a oposição dialética, porque o outro foi consumido por ela, de tal modo que só ela ficou. Para a consciência-de-si ser efetiva, é necessária a consumação do objeto sem aniquilá-lo. No caso, só uma consciência-de-si pode ser objeto verdadeiro para outra consciência-de-si, porque essa relação não cai em nada. De fato:

A consciência de si é em si e para si quando e porque é em si e para si para uma Outra; quer dizer, só é como algo reconhecido [...] o duplo sentido do diferente reside na [própria] consciência-de-si: [pois tem a essência] de ser infinita, ou de ser imediatamente o contrário da determinidade na qual foi posta. O desdobramento do conceito dessa unidade espiritual, em sua duplicação, nos apresenta o movimento do reconhecimento. (Hegel, 2016, p. 142).

53

Por isso a consciência-de-si, inicialmente, deseja dominar outra consciência-de-si. A satisfação de si em uma outra consciência é verdadeira por não ser passageira, já que a consciência é permanente. Encontrar a satisfação de si naquele objeto que perece é impossível, justamente, porque o objeto desaparece, mas o desejo continua. Ao passo que a satisfação mediada por outra autoconsciência permanece, pois as consciências se mantêm.

No pensamento hegeliano, tem-se de compreender que toda consciência se reconhece, isto é, relaciona-se com outras consciências, se percebe e é percebida nelas. A percepção de si do sujeito existe na medida em que é reconhecido em outro. Por exemplo: Sabe-se ciumento na relação amorosa com outro. É um processo positivo. O sujeito se percebe ciumento quando o outro atribui a ele este estado. Nesse cenário se manifesta o reconhecimento da consciência.

Uma consciência se sabe e se reconhece como tal através da relação com outras consciências. A concepção hegeliana da consciência de si fundamentada nas relações de encontro com outras consciências é basilar ao seu pensamento. De fato, toda autoconsciência está relacionada com outras autoconsciências e não há como haver reconhecimento numa concepção solipsista cartesiana. Não se torna uma pessoa desenvolvida – formada – sem a relação com o outro.

Entretanto, a busca pela satisfação por outra autoconsciência, quando forçada, não se realiza porque não há a presença da liberdade manifestada no reconhecimento mútuo. Só há reconhecimento quando há liberdade.

É na relação entre os sujeitos que se dá a dialética do senhor e do escravo. Nas relações das autoconsciências o senhor e o escravo se veem, mas não como universais, isto é, como seres igualmente livres capazes de exercerem sua autonomia, mas somente veem a si mesmo no outro.

Para a consciência-de-si há uma outra consciência-de-si [ou seja] ela veio de fora de si. Isso tem dupla significação: primeiro, ela se perdeu a si mesma, pois se acha numa outra essência. *Segundo*, com isso ela suprasumiu o Outro, pois não vê o Outro como essência, mas a *si mesma* que vê no *Outro* (Hegel, 2016, p. 143).

Isto é, nos momentos iniciais da consciência-de-si ela ainda não reconhece o outro como ser livre. Por isso, o reconhecimento não é obtido à força ou por meio da violência, antes, é uma verdadeira reconciliação.

Neste estágio de desenvolvimento das autoconsciências pode haver lutas, inclusive levando à morte. Todavia, isso nem sempre acontece, porque uma das autoconsciências abdica de sua parcial liberdade para manter preservada sua vida.

Ao ceder se torna escrava de uma senhora. Está posta a relação dialética senhor e escravo presente no capítulo IV da *FE*.

Nela, o senhor se relaciona com o mundo por meio do trabalho do escravo. É este quem se relaciona com o mundo imediatamente, pois modifica sua realidade através da sua força e razão.

Por meio do trabalho o escravo, progressivamente, percebe que é livre, na medida em que tem a força para determinar sua realidade. Nesse momento acontece a inversão, dialética, entre senhor e escravo. Pois o senhor é, na verdade, escravo, uma vez que sua relação com o mundo é mediada por outrem, não pela sua própria liberdade.

Porém é preciso notar que ainda não há um reconhecimento mútuo, de fato, porque o escravo não reconhece o senhor como livre, apenas reconhece a si mesmo. Nesse momento da dialética não há o fim da dominação, porque o sujeito humano ainda não chegou à consciência da totalidade. Isto é, o escravo não reconhece no senhor um valor universal inerente a todo sujeito humano. É necessário superar esse momento para que o escravo reconheça o senhor também como livre. Caso contrário, a oposição retorna em nova dominação.

Ao final do desenvolvimento da consciência de si perpassando todos os momentos da verdade da certeza de si mesmo, entra-se no reino da Razão. Como resultado até aqui experienciado pela consciência na relação com seu objeto, atinge-se o momento dialético de unificação entre a razão subjetiva, que observa, e a razão objetiva manifestada no mundo observado: "Ser é pensar". (Hegel, 2016, p. 55).

(5) A figura da razão na concepção de Hegel é saber-se como totalidade. Ela marca o momento no qual a vida passiva do sujeito cede lugar à vida ativa. O sujeito

se percebe em sua efetividade e movimento, isto é, em sua capacidade de construção do próprio mundo. Aqui, a consciência na relação com o objeto não está determinada - qualificada - na oposição, tal como o entendimento. Agora, a consciência e o objeto são em unidade porque o objeto é resultado do que a consciência quer. Portanto,

A razão é a certeza de ser toda a realidade: assim enuncia o idealismo conceito da razão. Do mesmo modo que a consciência vem à cena como razão que tem em si a certeza imediatamente, assim também o idealismo a enuncia de forma imediata: Eu sou Eu, no sentido de que o Eu para mim é objeto. Não no sentido de objeto da consciência-de-si em geral - que seria apenas um objeto vazio em geral; nem de objeto da consciência-de-si livre - , que seria somente um objeto retirado dos outros, que ainda são válidos ao lado dele; mas sim no sentido de que o Eu é objeto, com a consciência do não ser de qualquer outro sujeito: é o objeto único, é toda a realidade e presença (Hegel, 2016, p. 172).

A razão, portanto, não é passiva, mas ativa, onde a autoconsciência se vê no mundo a partir de seu trabalho, a partir das potencialidades das suas ações. O Eu é objeto, porque se realiza no mundo. Por isso, o mundo é racional ao manifestar a razão da consciência. Ainda não é o Saber Absoluto, pois a consciência ainda não se viu como parte do todo maior.

Na *FE*, a partir do resultado da razão, Hegel mostrará sua efetividade na política - capítulo VI - e na religião - capítulo VII. Tal efetividade traz à luz a figura do Espírito. "A consciência-de-si, [que é] assim a certeza de suas determinações tanto são objetivas, determinações da essência das coisas, quanto são seus próprios pensamentos, é a razão". (Hegel, 2011, p. 209). Em outras palavras, o Espírito é a razão que se sabe como razão.

No âmbito da política a razão percebe que, embora criadora do seu mundo, não pode fazer tudo o que quer porque não está só no mundo. Por isso são necessárias leis e ordens para cada sujeito particular, a fim de manter a unidade - lembrando que a razão unifica. Manifesta-se outra figura.

(7) No Espírito, a razão percebeu que há outras autoconsciências além dela, mas que são igualmente livres. Conclui-se que no Espírito há o reconhecimento da essência humana: Liberdade.

O espírito é o indivíduo que constitui um mundo que se realiza na vida de um povo livre. O espírito é, portanto, a unidade da autoconsciência "na perfeita liberdade e independência" e ao mesmo tempo na oposição "mediata". O espírito é "eu que é nós, nós que eu". (Reale, 2017, p. 930).

O espírito é em-si - enquanto ser -, mas também é para-si - porque sabe que é -, ele unifica dialeticamente ambos os momentos e se mostra em-si-para-si. O manifestar-se do espírito, só pode ser compreendido como sistema, isto é, ao fim do caminho que percorre a consciência. Acerca disto Hegel já escrevera no prefácio:

O que está expresso na representação, que exprime o absoluto como *espírito*, é que o verdadeiro só é efetivo como sistema, ou que a substância é essencialmente sujeito. [Eis] o conceito mais elevado que pertence aos tempos modernos e à sua religião. Só o espiritual é o *efetivo*: é a essência ou o *em-si-essente*: o *relacionado* consigo e o *determinado*; o *ser-outro* e o *ser-para-si*; e o que nessa determinidade ou em seu *ser-fora-de-si* permanece em si mesmo – enfim, o [ser] espiritual é *em-si-para-si*. (Hegel, 2016, p. 36, grifo do autor).

O Espírito é automovimento. E por causa disso, Hegel se preocupou em apresentar o espírito em seu próprio movimento, isto é, como espírito subjetivo, objetivo e absoluto.

O espírito subjetivo é o – sujeito – na relação consigo mesmo, que se descobre. No caso, o espírito subjetivo é aquele que experiencia seu mundo e a si.

O espírito objetivo é o espírito que se sabendo livre busca efetivar – realizar – sua liberdade em um contexto determinado. O “objetivo” refere-se aqui ao mundo colocado pelo sujeito. Esse espírito não só sabe de si enquanto espírito – livre – mas se empenha em agir de tal modo que a liberdade do outro também seja realizada no campo da eticidade, isto é, do Estado e das Leis.

O espírito absoluto é a unidade entre o espírito subjetivo – eu – e o espírito objetivo – Outro – efetivado. No Absoluto há a unidade entre o pensar – sujeito que pensa – e o ser – objeto pensado. Quem conhece é idêntico ao conhecido, na medida em que aquele observa que ao pensar sobre o objeto está pensando sobre si mesmo.

Ao escrever a *FE*, o próprio Hegel, enquanto consciência-de-si refaz o caminho que sua consciência outrora fez. Destarte, as figuras da consciência apresentadas e suas oposições são percebidas pela própria consciência. Há o ser em oposição a ela, mas quem percebe essa oposição é ela mesma. Atinge-se o espírito absoluto: Unidade entre pensar e ser.

O Espírito Absoluto se manifesta na arte e na religião, mas é plenamente conceituado na Filosofia. É nesta que o Absoluto se mostra tal como é: em si e para si. Só se pode compreender o Espírito Absoluto na linguagem dialética da Filosofia. A religião e a arte, contudo, não podem compreender porque, nelas, a manifestação do absoluto se dá por meio de imagens e representações.

Embora ambas – religião e filosofia – estejam na esfera do Espírito Absoluto, ainda assim, divergem. Por este motivo, a religião precisa ser suprassumida para que o espírito alcance o saber absoluto e se reconheça tal como é em si mesmo. No progresso do espírito, a religião é negada e conservada na Filosofia. A relação com o absoluto na religião é imediata, é representação e sentimento, símbolo e culto. Na religião, o absoluto era objeto da fé e do sentimento, mas na filosofia, o absoluto é pensado, é conceituado. A religião não detém a verdade do conceito. A religião põe à filosofia a necessidade da totalidade, da universalidade, do Absoluto.

Hegel afirma que a religião mais elevada – no sentido de melhor representar o absoluto – é a religião cristã. Mas mesmo assim, é, ainda, representação, não ciência. A representação é carente de essência. Assim,

[...] o cristianismo vive essa unidade (finito e infinito) de um modo turvo e obscuro, em um modo de consciência que Hegel chama de 'representação', isto é, um modo de consciência que opera com imagens e símbolos, e não na clareza completa do pensamento conceitual." (Taylor, 2014, p. 239).

A religião não é o saber absoluto propriamente dito, mas é seu momento. O saber absoluto se dá na filosofia, porque só ela compreende a necessidade do conceito, isto é, o sistema filosófico do Espírito em seus momentos.

Todo esse percurso que Hegel encaminha na *FE* se faz compreender, não como todo o sistema, mas como um primeiro momento do sistema científico. A *FE* não é o todo, mas uma parte, que se refere ao percurso da consciência, que culmina na identidade entre ser e pensar. Essa obra é a primeira parte do sistema da ciência e objetiva expor a experiência fenomênica – impressões – que a consciência tem do outro. E de fato é sobre este processo fenomenológico que Hegel se refere:

Já que esta exposição tem por objetivo exclusivamente o saber fenomenal, não se mostra ainda como ciência livre, movendo-se em sua forma peculiar. É possível, porém, tomá-la desse ponto de vista, como o caminho da consciência natural que abre passagem rumo ao saber verdadeiro. Ou como o caminho da alma, que percorre a série de figuras como estações que lhe são preestabelecidas por sua natureza, para que se possa purificar rumo ao espírito, e através dessa experiência completa de si mesma alcançar o conhecimento do que ela é em si mesma. (Hegel, 2016, p. 72).

57

Destarte, toda a *FE* é a descrição da experiência da consciência no seu percurso fenomênico experienciando a si mesma em sua própria formação. Após esse percurso filosófico, Hegel encerra a *FE* no Saber Absoluto. Este era, desde o começo, o fim que se buscava. E seu conteúdo é a exposição da consciência conhecendo a si mesma; o espírito no desenvolver fenomênico de si nas suas figuras. Somente a partir daqui é possível compreender o sujeito na *FE*.

2 O SUJEITO NA FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO

Logo no prefácio da *FE* Hegel traz sua contribuição à História da Filosofia ao afirmar que o Absoluto é sujeito. Esta afirmativa é em si mesma profunda e sua afirmação se mostra resultado de desenvolver do Espírito ao longo da História.

Toma-se o Absoluto como sujeito ao compreender a totalidade como realidade unificada em todas as suas contradições por uma autoconsciência. Neste sentido, ao afirmar que o absoluto é sujeito, Hegel está afirmando que o fundamento da totalidade é uma autoconsciência.

Além disso, o sujeito é substância viva que tem efetividade: viva porque se move – transforma-se, modifica-se, altera-se – e efetiva porque seu movimento é um colocar-se no mundo, de acordo com suas vontades e desejos. Neste sentido, o ser humano é sujeito porque sabe que é, sabe que tem consciência e que é efetivo.

O elemento qualitativo no ser humano que o diferencia do resto dos outros seres é a razão: “a certeza da consciência de ser toda a realidade” (Hegel, 2016, p. 172).

Hegel se vale das fontes da Filosofia Antiga ao compreender o sujeito. Este contém o devir móvel do Heráclito e o ser permanente do Parmênides, assim como os conceitos aristotélicos de ato e potência. Destarte, Hegel concebe que no sujeito – e no ser em geral – há o devir concomitantemente do permanente. Neste caso, o Absoluto – ser e pensar – é a união entre o mutável e o imutável. É aquilo que subsiste nas transformações porque é o essencial.

A “substância é sujeito”, porque se modifica, se transforma, deixa de ser uma coisa para ser outra. Todavia, algo dela permanece em meio às mudanças e ao movimento: O sujeito Absoluto é a autoconsciência que move a si mesma. Acerca disto:

Espírito Absoluto é em si, por si e para si, e em que os conhecimentos / saberes / ciências / filosofias particulares, em especial, os de cada um de nós e o de Hegel, se encontram nela [...] Espírito Absoluto é compreensão absoluta que contém todos os eus, e seu conteúdo vêm a constituir os conteúdos de todos os eus, tendo seu conteúdo (parcialmente) compreendido pelos eus, a Ideia da Filosofia / Espírito Absoluto é um Eu que é nós e um nós que é Eu; a própria Ideia da Filosofia / Espírito Absoluto é um Eu que a tudo contém, a tudo rege, autorregula-se e se auto-expõe, por isso, é Sujeito. (Tassinari, 2020, p. 253 et seq.).

58

Portanto, pode-se compreender que o Espírito Absoluto é a totalidade que contém em si todos os seus momentos, tudo o que existe é posto por ele e existe nele. É a totalidade. Nesse sentido caminha a formação, reconhecer-se no Espírito Absoluto. Nesse sentido, a formação é tornar para nós aquilo que é O em si e para si do Absoluto. Sobre o Espírito Absoluto, “Ele é a autocompreensão total e autoconsciente de tudo e do Todo e as filosofias são parte dessa autocompreensão total e autoconsciente de tudo e do Todo e a buscam [...]” (Tassinari, 2021, p. 187).

Por isso se faz necessário compreender que o Espírito Absoluto é automovimento em sua totalidade. No caso de uma pedra as mudanças acontecem por causa da sedimentação ao longo do tempo por causa da ação das chuvas, por exemplo. Já no caso das plantas, as transformações vêm de si mesmas, mas elas não o sabem. E por fim, no caso do ser humano, as transformações resultam de sua própria realização. Elas são colocadas por ele. A natureza se modifica, os tempos históricos se desenvolvem, mas o que permanece neles é o Absoluto enquanto sujeito, pois tudo isso é ele se manifestando. Na pedra sedimentada, no movimento da planta e do sujeito humano, a causa de todo o movimento é o Espírito Absoluto.

Fazer ciência, no pensamento hegeliano, é compreender a verdade da totalidade, que é em si e para a si a manifestação do espírito no todo. “O espírito, que se sabe desenvolvido assim como espírito, é a ciência. A ciência é a efetividade do espírito, o reino que ele para si mesmo constrói em seu próprio elemento.” Hegel (2016, p. 37). Por isso, como já dito no início deste trabalho, a *FE* é a primeira parte da

ciência, na medida em que descreve a narrativa do espírito no desenvolver de si mesmo na compreensão do todo. Diante disso, a compreensão do sujeito em Hegel está inserida, enquanto momento, na exposição sistêmica da Ciência.

Assim como no itinerário da *FE*, o sujeito humano quer encontrar a si mesmo, primeiro no mundo externo quando busca realizar seu desejo e, depois, encontrar a si em outro sujeito. O sujeito humano não é separado de seu mundo externo, pois do contrário, cairia na dicotomia sujeito/mundo criticada pelo Hegel. De tal modo que o sujeito é na relação com sua exterioridade. Não apenas isso, forma-se a partir dela. Como já exposto na relação senhor e escravo, é no trabalho de transformar o mundo exterior que o sujeito também se transforma. É na modificação do mundo externo que o indivíduo chega ao conhecimento de si enquanto livre efetivamente, pois modifica o mundo com uso de sua força.

A partir da compreensão dialética se pode conceber que o sujeito pode modificar sua realidade de acordo com suas vontades e desejos: pode construir, destruir, modificar e interferir. Isso já foi revelado desde a Revolução Científica. Todavia, não pode existir sem o exterior e não pode ser um cogito ergo sum sem a exterioridade. Sem o mundo externo o sujeito não poderia corporificar sua essência livre de transformar e modificar o mundo e a si mesmo. Na *FE* Hegel descreve o sujeito como seu próprio agir, pois essa é sua essência. A sua ação acontece em relação a algo: a substância. Portanto, a substância é o que o sujeito é. Nesse momento: “Quando a substância tiver revelado isso completamente, o espírito terá tornado seu ser-aí igual à sua essência: [então] é objeto para si mesmo tal como ele é.” (Hegel, 2016, p. 44).

Se não houvesse realidade exterior – substância – frente ao sujeito, este não passaria pelo desenvolver da autoconsciência de si, uma vez que não realizaria o processo do especulativo: ver a si mesmo no ser outro e retornar, dele, para si.

Convém lembrar que somente a realidade material não é suficiente para que o sujeito chegue à consciência de si verdadeira. Para tanto, é necessário o processo de reconhecimento, onde uma autoconsciência livre reconhece outra autoconsciência livre. E tem que ser assim porque somente a autoconsciência permanece em meio às mudanças, de tal modo que buscar reconhecimento no mundo material é inessencial, já que ele muda. Assim, o reconhecimento verdadeiro só pode ser naquilo que permanece sempre.

Além da necessidade do mundo externo para expressar sua liberdade, a exterioridade material é inessencial. Aqui repousa a verdadeira definição de sujeito humano em Hegel: saber-se presente na autoconsciência do Espírito Absoluto. Dessa maneira, ser sujeito para Hegel é reconhecer a si mesmo e aos outros como iguais.

A partir do pensamento hegeliano, as contradições existem, de fato, mas elas não são imóveis e monótonas, antes, mostram-se como automovimento do Espírito Absoluto. Hegel supera as dualidades ao afirmar que as contradições são expressões da totalidade de Deus ou Absoluto. Neste caso, a Revolução Científica e a Filosofia moderna não são falsidades, mas etapas da verdade.

Disso se conclui que é possível definir o sujeito em Hegel como parte do autoconhecimento do Absoluto, cuja essência é a liberdade. Essa definição traz

impactos importantes para a compreensão do que vem a seguir nessa pesquisa, pois a partir dessa definição de sujeito, que se fala em formação. Se o sujeito está na autocompreensão do absoluto, então pensar o sujeito em Hegel é pensar o sujeito essencialmente livre, uma vez que essa é a essência do absoluto.

Cabe ressaltar que o sujeito em Hegel, como já exposto anteriormente, não está isolado, antes, relaciona-se com outros sujeitos, de tal maneira que todos os sujeitos estão na autocompreensão absoluta e, portanto, considera-se a formação do sujeito livre na e a partir da coletividade, isto é, no Estado.

3 O SUJEITO NA FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO

Neste sentido, o Estado é efetividade, isto é, uma produção, ou melhor dizendo, uma *autoprodução* do Espírito. É *resultado* desenvolvido ao longo da história de cada membro a ele pertencente.

Do mesmo modo, o Estado não é *resultado cego* e aleatório, pois sua formação e surgimento caminham enquanto *autoconsciência*. Isto é, enquanto saber de si na comunidade, é a realização *racional* do Espírito. Sua racionalidade manifesta substância, finalidade e meta: a liberdade autorreconhecida. A *universalidade* presente no trecho citado acima é a compreensão da essência humana, que é ser livre *em si* e *para – si*.

Pode-se, portanto, compreender que a noção de Estado em Hegel tem como fundamento e meta a realização – isto é, a inclusão na realidade concreta – da liberdade. Tanto o princípio quanto o fundamento são os mesmos, porque a totalidade é o desenvolver do Espírito Absoluto livre em si e para si.

O Estado não busca a realização de um sujeito *particular*, pois só é possível na realização do *universal*. Não há liberdade quando esta é ilimitada. O exercício da liberdade individual que objetiva somente a sua realização coloca em dúvida a própria liberdade, que pode ser cerceada por outro. Dialeticamente, a liberdade *concreta* só é possível no Estado, que realiza todas as liberdades ao mesmo tempo, mas que no fundamento é uma só. Assim:

[...] a *união* enquanto tal é, ela mesma, o conteúdo verdadeiro e o fim, e a determinação dos indivíduos é levar uma vida universal. Sua satisfação particular, ulterior, sua atividade, seu modo de comportamento têm por seu ponto de partida e resultado esse substancial válido universalmente (Hegel, 2010, p. 230).

Isto quer dizer que o Estado se dá quando os indivíduos não objetivam *única* e *exclusivamente* suas realizações individuais. Ao invés disso, no Estado, cada cidadão busca a realização do bem comum, materializado na liberdade concreta. Todavia, o Estado não *exclui* a liberdade individual. Não há espaço para totalitarismo no pensamento político hegeliano. O Estado, ao contrário, garante a existência da liberdade de cada um, na medida em que realiza a liberdade de todos.

Na busca racional pela realização – concreta – da liberdade de todos se encontra aquilo que Hegel chama de segunda natureza. O ser-humano é diferente da natureza. As suas realizações da vontade e sensações não o determinam substancialmente, antes, toma *forma* a partir da *cultura*.

Nesse sentido que se diz que o Estado é a autodeterminação do sujeito, pois é o caminho realizado por ele, que se compreende como meio para a realização da liberdade universal – de si e de todos. “A *essência* do espírito é. Por esse motivo, formalmente a *liberdade*” (Hegel, 2011, p. 23, *grifo do autor*).

Sair da imediatez da natureza sensível em direção à determinação universal não acontece num instante. É um desenrolar de mediações necessárias e sucessivas que se suprassume na formação do sujeito histórico.

Nesse sentido, só é possível ser livre determinadamente, quando quer aquilo que faz. A essência do sujeito é ser livre, contudo, essa não é somente sua essência, mas a de todo ser-humano. Quando todos buscam a liberdade do outro, todos se tornam livres.

O Estado não é criado de repente, num movimento abrupto e *imediato*. O Espírito se manifesta na História. Ele é o próprio processo histórico. Igualmente, o Estado – que é Espírito Objetivo – também o é.

É portanto o processo da história universal que produz paulatinamente as formas de Estado que corresponder às características próprias de cada povo: a condição individual de um Estado depende sempre de tais condições históricas. É essa exigência que confere ao Estado seu caráter racional, e este coincide com a sua *efetividade*. (Lefebvre e Macherey, 1999, p. 74)

61

Conclui-se, a partir de tudo que foi exposto, com a afirmativa de que o *sujeito é livre em si e para si*. A FE descreve o desenvolvimento da consciência na medida em que experiencia a si mesmo na relação com o outro e com o mundo. Nessa experiência a consciência, livre em si, tem sua meta definida: perceber-se enquanto livre, isto é, ser livre para si na autoconsciência absoluta. O sujeito reconhece a si no mundo e reconhece os outros que, juntos, efetivam a liberdade no Estado.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins, 2007.
- HEGEL, G.W.F. *A Razão na História: uma introdução geral à filosofia da história*. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2001.
- _____. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas, III: A Filosofia do Espírito*. Tradução de Paulo Meneses e José Machado. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- _____. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 2016.
- _____. *Linhas fundamentais da filosofia do direito*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2010.
- _____. *Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito*. Tradução de Marcos Lutz Muller. São Paulo: Editora 34, 2020.
- INWOOD, Michael. *Dicionário Hegel*. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1997.
- KONDER, Leandro. *Hegel: a razão quase enlouquecida*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1991.

LEFEBVRE, P. & MACHREY, P. *Hegel e a sociedade*. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

REALE, Giovanni. *Filosofia: Idade Moderna, volume 2*. Tradução de José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2017.

SILVA, Márcio Luiz. O conceito de liberdade em Aristóteles, Hegel e Sartre: Implicações sobre ética, política e ontologia. *Aufklärung: revista de filosofia*, v. 6, n. 2, p. 141-160, 2019.

TASSINARI, R. P. Sobre as Interpretações da Filosofia Hegeliana e suas Superações na Ideia da Filosofia e no Espírito Absoluto: A Interpretação Espiritual Especulativa. In: TASSINARI, R.P.;

BAVARESCO, A.; MAGALHÃES, M.M. (Org.). *Hegel e a Contemporaneidade*. Porto Alegre, RS: Editora Fundação Fênix, 2020, p. 247-268.

TASSINARI, R.P. Sobre a atuação do espírito absoluto no espírito objetivo; ou, por que nos tornamos éticos?. In: BAVARESCCO, Agemir et al. (Org.). *Razão & Efetividade: 200 anos da Filosofia do Direito de Hegel*. Porto Alegre, RS: Editora Fundação Fênix, 2021, p. 169-194.

TAYLOR, Charles. *Hegel: Sistema, Método, Estrutura*. Tradução de Nélcio Schneider. São Paulo: É Realizações, 2014.

Submetido: 21 de abril de 2025

Aceito: 09 de maio de 2025